

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS UMA DEVOÇÃO EM DUAS MODALIDADES ICONOGRÁFICAS

MAURO VICTOR MURILO MAIA FRAGOSO, OSB *

Apresentação

Embora as Escrituras sejam ricas de citações referentes à devoção do Sagrado Coração de Jesus, até o século XI nenhum autor havia escrito claramente sobre esse tema que se desenvolveu à sombra dos mosteiros medievais. Os primeiros vestígios da devoção aparecem nos escritos de Santo Anselmo (1033-1109), Abade de Le Bec, França, e depois Bispo de Cantuária, Inglaterra. A chama acesa por esse beneditino encontraria maior vigor sob a pena dos Abades cistercienses. Assim, Bernardo de Claraval (1090-1153) desenvolveu sua espiritualidade a partir da Paixão de Cristo, afirmando que era preciso que o divino coração fosse trespassado para que soubesse compadecer-se de nossas enfermidades; Guilherme de Saint-Thierry (1075-1148) comparou o Sagrado Coração à Arca da Aliança, o ponto de encontro entre Deus e os homens. Finalmente a devoção atinge sua maturidade com Guerrico d'Igny que vê o coração como símbolo do amor. Destarte, a semente da devoção, lançada em terra fértil no alvorecer do século XII, permaneceu em estado latente por cerca de 100 anos até desabrochar definitivamente na segunda metade do século seguinte com as revelações feitas a Santa Gertrudes (1256-1301). Do século XIII ao XVI a devoção foi difundida muito discretamente, ficando restrita à prática pessoal de alguns fiéis e de algumas Ordens Religiosas até o século XVII. A modalidade devocional mais divulgada hodiernamente tem sua origem nas visões de Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690) que, embora sendo religiosa da Ordem da Visitação, sua espiritualidade estava acentuadamente marcada pela vertente jesuítica.

Fundamentos bíblicos

Diz São João no início do seu Evangelho: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1, 1). Antes que o Criador de todas as coisas iniciasse a sua criação, aprouve-lhe por bem engendrá-las uma a uma em seu intelecto e assim criou primeiro o céu e a terra e tudo o que neles existe. Criou depois o homem dotando-o de sabedoria para que dominasse sobre todas as outras criaturas e, no decurso dos tempos, revelou seu amor pela sua obra em total plenitude, a ponto de enviar Seu único Filho a fim de resgatar aqueles que haviam se extraviado do plano da criação.

À guisa de Revelação, enquanto ditava o Velho Testamento, Deus preparava os corações dos homens para receber o Filho consubstancial ao Pai e ao Divino Espírito Santo e começava a revelar o mistério da Trindade, ou seja, a relação do Pai com o Filho e vice-versa, consolidada pelo Espírito de Amor. Portanto, percorrendo as páginas do Antigo Testamento, encontramos textos que nos apontam diretamente para uma devoção antropomórfica do Coração de Deus, o Pai. Antropomórfica porque, embora tendo Ele criado o homem à Sua imagem e semelhança, Ele, Deus, é espírito puro, e como tal, desprovido do coração de carne com que dotaria o Seu próprio Filho no decurso da História da Salvação. Assim sendo, podemos dizer que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é gerada no bojo das Escrituras Veterotestamentária, portanto, antes mesmo do mistério da Encarnação.



Menino Jesus, escultura em barro
Frei Agostinho da Piedade, século XVII
Mosteiro de São Bento, Olinda

Fonte: SILVA, Bernardo Alves da e outros. O Tesouro dos Abades: A Arte devota do Mosteiro de São Bento de Olinda. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004

* Monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro
Professor da Faculdade de São Bento
dmauro@osb.org.br



Lâmpada votiva, prata fundida, puxada e cinzelada
Fins do século XVII

Mosteiro de São Bento, Olinda

Fonte: SILVA, Bernardo Alves da et. all. O tesouro dos abades: A arte devota do Mosteiro de São Bento de Olinda. Recife, Instituto Cultural Bandepe, 2004

Com efeito, diz a Escritura que depois de ter criado o universo, Deus alegrou-se porque viu que tudo era bom e, para completá-lo, resolveu criar o homem à Sua imagem e semelhança. Contudo, o livro do Gênesis diz que já no início da criação, após o pecado da desobediência ou traição da amizade de Deus por parte de Adão e Eva, o Senhor sofreu uma grande decepção. Desse modo, temos já no relato da criação dois sentimentos antagônicos: alegria e tristeza. Ora, sentimento é um dom puramente natural e próprio do ser humano. Assim, falando da sensibilidade divina, da experiência sentimental do Criador em relação à criatura, o Autor Sagrado nivela ao máximo a semelhança entre Criador e criatura, como se Ele fosse de fato um ser carnal.

O livro do Gênesis nos fala ainda que por ocasião do dilúvio, o divino coração se angustiou de tal modo com a maldade vigente sobre a terra que chegou a experimentar o arrependimento de ter criado o gênero humano e pensou até mesmo em exterminá-lo (Gn 6, 5ss). Contudo, ao sentir o agradável perfume do holocausto oferecido por Noé após o dilúvio, o Senhor, na sua infinita misericórdia, se arrependeu de ter castigado a terra e prometeu não mais amaldiçoá-la por causa do homem (Gn 8, 21). Desse modo, o pecado cometido pelo povo e a misericórdia divina se constituíam numa ciranda que se repetiu durante toda a história da Revelação.

Adentrando um pouco mais na leitura do velho Testamento, percebemos a prefiguração do sofrimento de Cristo na voz dos mais variados personagens sofredores. Com efeito, quando o lamento do salmista que canta: "A afronta me destróia o coração e desfaleço" (Sl 69, 21), "Meu coração está ferido e seco como a erva" (Sl 102, 5), parece ser a voz do próprio Cristo que ouvimos na Sua agonia.

No enredo da ciranda de sofrimento e misericórdia Veterotestamentária, o Livro do Cântico dos Cânticos é o que, dentro de uma moldura antropomórfica, mais se aproxima da intimidade entre coração humano e o divino. O que acontece de extraordinário nesta peça literária é a força e a ternura que agem simultaneamente num coração de carne e no fictício coração divino. O livro trata de um amor ardente entre um homem e uma mulher, parafraseando o relacionamento entre Deus e Israel, figura da esposa representada pela assembléia do povo eleito e que mais tarde seria a Igreja, o corpo místico de Cristo. O texto se vale de uma metáfora nupcial para exortar Israel a sair exultando de alegria ao encontro do Amado que vem chegando (Ct 3, 11). Enamorado da beleza de sua amada, o Amado se confessa cativo de seu olhar (Ct 4, 9). Durante a noite ela dormia, mas seu coração esperava a chegada do Amado (Ct 5, 2), e no momento da mais profunda intimidade, como que temendo uma possível separação, ela pede para que Ele a coloque como um selo sobre o Seu coração (Ct 8, 6).

Inúmeras outras passagens, não só do Antigo, mas também do Novo Testamento poderiam direta ou indiretamente continuar sendo citadas aqui. Todavia, gostaríamos de fazer apenas mais uma única menção. Trata-se daquela referida pelo Papa Pio XII na introdução da encíclica *Haurietis Aquas*, que é a da pedra que faz jorrar água no deserto. Israel acampado em Rafidim, de coração empedernido murmurou contra Moisés porque não tinha água para beber. O Senhor então ordenou a Moisés que tocasse a rocha com seu bastão, e imediatamente dela jorrou uma torrente de água (Ex 17, 1ss). Não há como não ver nessa passagem pré-figurativa da Paixão do Senhor uma estreita relação com aquela em que o soldado trespassando o coração do crucificado dele fez jorrar sangue e água.

Na consumação da cena pré-figurativa o fato parece querer mostrar que embora Jesus sendo homem e ainda mais, hebreu, não tinha um coração empedernido, semelhante aos dos seus contemporâneos e àquela rocha do deserto donde brotou água potável. Seu coração é humano sim, mas amolecido pela misericórdia e dele jorra não uma água como aquela que seus ancestrais beberam e continuaram com sede, mas sim água que conforta e sacia eternamente o espírito. Em síntese, a tônica dessa devoção recai sobre as palavras do próprio Cristo que diz: "Tomai sobre vós

o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29).

Após essa breve exposição dos rudimentos bíblicos que nos introduzem no tema da devoção, adentremos o cerne da questão proposta, isto é, a diferença iconográfica entre a devoção inicial e a atual.

Santa Gertrudes e os primórdios da devoção

Doada aos 5 anos de idade ao Mosteiro de Helfta, a menina Gertrudes logo enveredou pelo caminho das letras alcançando surpreendentes resultados. Todavia, surpresas maiores estavam ainda reservadas e só começariam a ser reveladas após atingir seus 25 anos, quando o Senhor passa a revelar-lhe seus sentimentos de forma excepcionalmente carinhosa, como ela mesma dirá: "para que eu tivesse convosco, a partir de então, as relações que um amigo mantém com outro ou, melhor ainda, um esposo com sua esposa" (Gertrudes, 2004, p. 82).

A chave para a interpretação de todos os escritos de Santa Gertrudes e, sobretudo, para a interpretação iconográfica das imagens que reportam à sua espiritualidade se encontra em outra passagem por ela mesma escrita: "me admitistes ainda à incomparável familiaridade de vossa ternura, oferecendo-me a arca nobilíssima de vossa divindade, quer dizer, vosso Coração Sagrado, para que nele me deleite. Vós o destes a mim gratuitamente ou o trocastes pelo meu, como prova ainda mais evidente de vossa ternura intimidade" (Idem, p. 83).

Destarte, a modalidade medieval dessa devoção tem sido representada por um coração ardendo em chamas, o que simboliza simultaneamente o coração humano e o divino, aquecido pelo fogo do amor, ou da caridade, conforme a linguagem paulina.

A modalidade devocional segundo as revelações feitas a Santa Margarida Maria

A modalidade mais difundida na atualidade tem sua origem nas revelações feitas à Santa Margarida Maria Alacoque na segunda metade do século XVII. Embora não havendo nada que indique uma relação direta dessa modalidade devocional com a anterior, não podemos negar a existência de um paralelo entre uma e outra. Santa Margarida Maria diz ter visto o coração de Cristo encimado por uma cruz e circundado por uma coroa de espinhos. Daí essa modalidade devocional ser representada por um coração ferido, ardendo em chamas (como a anterior), encimado por uma cruz e circundado por uma coroa de espinhos, simbolizando os sofrimentos suportados por Cristo no mistério de Sua Encarnação.

O ambiente de origem de uma e de outra modalidade devocional

Para melhor compreensão do assunto, cremos ser relevante estabelecer um paralelo entre as duas eras de propagação da espiritualidade em questão, considerando as mais diversas circunstâncias. O século XII, no qual foi gerada a devoção, foi acentuadamente marcado por uma revolução espiritual que desembocaria na futura *devotio moderna*. A importância do sacerdócio ministerial havia ficado um tanto desacreditada devido à decadência moral em que se encontrava o clero e surgia uma onda de espiritualidade leiga que invadia a Igreja.

O que contava naquela época era um relacionamento pessoal direto com Deus, sem passar necessariamente pelo poder sacerdotal; muitas vezes exageradas penitências tolhiam a racionalidade dos religiosos, o que posteriormente causou muitas dúvidas aos hagiógrafos sobre a verdadeira santidade: muitos casos mais se coadunavam a um quadro de insanidade mental do que sobrenaturalidade propriamente dita. De qualquer forma, Deus continuava ocupando o centro das preocupações humanas.

No século XVII o mundo havia renascido para a humanidade com as descobertas e as conquistas dos séculos anteriores, que faziam o homem se sentir cada vez mais dono de si



Santa Gertrudes, pintura cusquenha
Mosteiro de São Bento, RJ



Menino Jesus, pintura sobre tela. Século XVI. Itália
Fonte: LADAME, Jean. Paray-le-Monial et le culte du Sacré-Coeur
Lyon: M. Lescuyer et fils héliographeurs, 1965

próprio e do mundo, relegando Deus para um segundo plano. A cristandade enfraquecida se divide encadeando uma série de subdivisões. Com o esfacelamento da unidade eclesial iniciada com a Reforma Luterana e suas subsequentes divisões que acabariam por negar a presença real na Eucaristia, o corpo místico de Cristo é ferido ainda mais fortemente na sede do amor, o coração. O que já desde os anos 700 vinha sendo como que um prenúncio dos acontecimentos futuros pelo famoso Milagre de Lanciano. Assim, o coração, órgão do corpo humano que até então representara mais frequentemente a alegria, passa agora a representar simultaneamente a dor e a misericórdia. Era a vez da Contrarreforma; do nascimento da Companhia de Jesus que influenciaria largamente a espiritualidade católica e, conseqüentemente, a arte cristã. Era o período da dramaticidade expressa pelo barroco.

Embora não fazendo parte do nosso estudo iconográfico, não podemos deixar de salientar a mais recente modalidade cordiana que vem se desenvolvendo largamente nos últimos tempos. Trata-se de uma modalidade devocional surgida entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, acentuando a Divina Misericórdia, e outra coisa não é senão um desdobramento das duas modalidades anteriores, não obstante sua representação iconográfica ser bastante distinta. Essa modalidade teve origem nas visões de Santa Faustina Kowalska, religiosa polonesa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora das Graças e é artisticamente representada por dois raios que brotam do peito de Jesus, sendo um deles vermelho e o outro, branco, simbolizando respectivamente o sangue e a água que escorreram do lado do Crucificado quando o soldado lhe trespassou o coração com a lança.

Conclusão

O ardor que alimenta a devoção difundida por Santa Gertrudes corre por uma veia beneditina dilatada por uma inenarrável doçura do amor (RB, Prol. 49) adquirido ao longo da caminhada de volta à casa paterna e que faz arder o coração do monge que já se sente nos átrios da casa de Deus.

Em oposição a este ardor resultante do encontro da criatura com o Criador no silêncio do claustro, a devoção inaciana, sob a qual se desenvolveu a espiritualidade cordiana moderna, brota de um coração sofrido pelo desprezo da humanidade. Portanto temos na forma medieval, a iniciada por Santa Gertrudes, um aspecto mais de louvor; poderíamos até dizer, um paralelo com o romântico e antropomórfico Cântico dos Cânticos, ao passo que a forma mais difundida atualmente, a de Santa Margarida Maria Alacoque, é acentuadamente marcada pela dor e pelo desejo de expiação surgido na era barroca da contrarreforma. Daí a representação iconográfica do Sagrado Coração flamejante, mostrando o divino amor de Deus para com os homens, ferido e sangrando por inúmeros ultrajes; circundado por uma coroa de espinhos, símbolo dos sofrimentos suportados durante o mistério da Encarnação. Em síntese, o fogo, elemento simbólico presente nas duas modalidades, mostra que o divino coração é misericordioso e que ferido ou não ele arde de amor pela humanidade.

REFERÊNCIAS

- BENTO. A Regra de São Bento. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.
Bíblia. São Paulo: Ave-Maria, 2001.
GERTRUDES. Vida e exercícios espirituais. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003.
_____. Segredos do Sagrado Coração: Relações de Santa Gertrudes II. São Paulo: Artepress, 2004.
LADAME, Jean. Paray-le-Monial et le Culte du Sacré-Coeur. Lyon: M. Lescuyer et fils héliographeurs, 1965.

Mensagem do amor de Deus: Revelações de Santa Gertrudes. São Paulo: Artepress, 2003.
SILVA, Bernardo Alves da e outros. O tesouro dos abades: a arte devota do Mosteiro de São Bento de Olinda. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2004.
TÓTH, Veremundo. Por sinais ao invisível: o simbolismo de Santa Mectildes e Santa Gertrudes. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2003.
_____. Um grande sinal dos tempos: O Sagrado Coração de Jesus. São Paulo: Ave-Maria, 2002.



Vitral, século XX. EUA